



**CORONEL WALTER**  
Veterano do Exército Brasileiro

## **AVALIAÇÃO ESTRUTURAL DO GRUPO TÁTICO DE BATALHÃO DO EXÉRCITO RUSSO**

Em 24 de fevereiro de 2022, a comunidade internacional testemunhou incrédula a invasão do território ucraniano pelas Forças Armadas russas, reacendendo as disputas interestatais no continente europeu, por meio de ações bélicas agressivas de alta intensidade. Nesse cenário, a guerra russo-ucraniana tem se caracterizado pelo largo emprego de técnicas, táticas e procedimentos do combate convencional em associação às ações irregulares e informacionais, ratificando a tendência mundial do hibridismo nos conflitos armados contemporâneos.

No desenvolvimento de sua campanha operacional, as Forças Armadas russas utilizam, como módulo básico de combate, no domínio terrestre, o grupo tático de batalhão (*BTG*, na sigla em inglês). Diferentemente da maioria das potências ocidentais, que empregam a brigada como elemento primário de armas combinadas, o *BTG* russo articula em uma única organização militar, de nível unidade, elementos de manobra, apoio ao combate e logísticos, sejam subunidades ou frações menores, para a condução de operações militares ofensivas e defensivas.

Muitas críticas ao desempenho tático dos *BTG* russos foram publicadas na mídia especializada em defesa, com base, principalmente, em informações oriundas de ambas as partes envolvidas no conflito, comprometidas com suas próprias narrativas. Todavia, na busca por uma perspectiva imparcial, este artigo tem por objetivo

analisar a estrutura organizacional do *BTG* e avaliar suas implicações para a condução tática de operações ofensivas e defensivas no contexto de uma guerra convencional de alta intensidade.

### **BREVE HISTÓRICO**

A despeito do destaque conferido pela cobertura midiática, o *BTG* não se traduz em inovação tática revelada na beligerância em desenvolvimento na Ucrânia. Pode-se afirmar que o *BTG* tem suas origens na Segunda Guerra Mundial, no âmbito do Exército soviético, em que houve o emprego integrado de subunidades de fuzileiros, carros de combate e artilharia, compondo grupos táticos de batalhão, apesar do caráter temporário dessas formações.

Durante a Guerra Fria, os soviéticos buscaram incrementar a integração dessas unidades de armas combinadas, particularmente durante o adestramento tático, antecipadamente às situações de conflito armado. Após a dissolução da União Soviética, o *BTG* foi experimentado pelo Exército russo na Chechênia e na Geórgia (KOFMAN, 2018; HACKETT *et al.*, 2022). De igual forma, o *BTG* foi empregado em apoio aos rebeldes das Repúblicas de Donetsk e Luhansk contra o governo ucraniano, na insurgência separatista desenvolvida a partir de 2014.

O Exército russo herdou a estrutura militar soviética no período pós-1991. O módulo básico de combate era a divisão, sendo composta por regimentos de infantaria mecanizada e de carros de combate, em combinações 3+1, conforme sua natureza. Cada regimento, por sua vez, era composto por quatro batalhões na mesma proporção anterior.

Em outubro de 2008, iniciou-se uma reforma militar nas Forças Armadas da Rússia, denominada *New Look*, que, entre outras medidas, provocou a migração do padrão divisionário para o módulo de brigada de acordo com os moldes ocidentais [1]. Recentemente, houve um retorno parcial das divisões na estrutura organizacional do Exército russo, adotando-se uma composição mista de divisões e brigadas sob o comando direto dos exércitos (*Army Groups*). Tal reintrodução, em tese, buscou aumentar o poder de combate nas ações decisivas da batalha e nas frentes prioritárias da defesa.

Empregando os meios existentes nas estruturas organizacionais das brigadas e divisões, formam-se um a dois grupos táticos de batalhão em cada brigada ou regimento divisionário. Segundo declaração do ministro da defesa da Rússia, General Sergei Shoigu, em 10 de agosto de 2021, haveria cerca de 170 *BTG* junto às forças do exército, aerotransportadas e de infantaria naval (TASS, 2021; IISS, 2022). Por ocasião da ofensiva inicial russa contra o território ucraniano, a partir de 24 de fevereiro de 2022, foram empregados aproximadamente 120 grupos táticos de batalhão.

A concepção da corrente configuração de força por *BTG* tem raízes nas carências de recursos humanos das Forças Armadas russas no período posterior à dissolução da União Soviética. A crescente profissionalização da tropa, apesar da significativa redução do efetivo militar, ocasionou lacunas de pessoal nas estruturas organizacionais do aparato bélico de Moscou (MCDERMOTT, 2012). Tal deficiência inviabiliza o desdobramento rápido de suas brigadas e divisões completas em situações de crise ou de conflito armado. Por conseguinte, o *BTG* emerge como solução para a problemática de prontidão operacional das Forças Armadas russas, tendo sido idealizado, prioritariamente, para emprego em missões externas de projeção de poder na defesa dos interesses nacionais de Moscou. Segundo Grau e Bartles (2022, tradução nossa),

Os *BTG* fazem parte do sistema de prontidão de combate em camadas da Rússia. Devem estar prontos para conduzir o combate e as tarefas especiais em todos os momentos, especialmente durante o período inicial da guerra, enquanto o resto da força se prepara para a batalha. O *BTG* serve como um meio de manter elementos de uma formação maior (como uma brigada ou regimento) imediatamente prontos para o combate, pois essas formações geralmente não são completamente guarnecidas e seus equipamentos podem não estar nos mesmos padrões de prontidão [2].

### COMPOSIÇÃO DO *BTG*

Na literatura militar internacional, é amplamente reconhecido o conceito de manobra de armas combinadas, em que o êxito em batalha depende do efeito sinérgico obtido pela aplicação

integrada e sincronizada de forças de infantaria e carros de combate, apoiadas por tropas de artilharia, aviação, defesa antiaérea, engenharia e guerra eletrônica, *inter alia*. O emprego coordenado das mencionadas armas potencializa a eficiência operacional de suas correspondentes capacidades, maximizando o poder de combate aplicado sobre determinado objetivo e sobrecarregando, destarte, as forças inimigas.

Nesse sentido, o grupo tático de batalhão consubstancia o supracitado conceito como uma organização militar de armas combinadas, em caráter semipermanente, mantida em alto nível de prontidão operacional e integrada exclusivamente por soldados profissionais, pelo menos em tese [3]. Em termos pragmáticos, é uma força-tarefa valor unidade, de composição flexível, com efetivo variando entre 700 a 900 soldados.

Normalmente, o *BTG* é constituído por três a quatro subunidades de manobra (fuzileiros e carros de combate), uma a duas baterias de artilharia (obuseiros autopropulsados e lançadores de foguetes), uma bateria antiaérea (canhões e mísseis), um pelotão de mísseis anticarro, uma companhia ou pelotão de engenharia, entre outros elementos de apoio ao combate (guerra eletrônica etc.), bem como uma companhia de apoio logístico.

Analisando a composição do *BTG*, convém destacar a sua grande capacidade de apoio de fogo, proporcionada, comumente, por uma bateria de obuseiros autopropulsados de 152 mm, além de outra bateria de lançadores múltiplos de foguetes no calibre de 122 mm, com alcances de até 30 e 40 km, respectivamente.

Em relação ao caráter semipermanente (GRAU; BARTLES, 2022), cabe destacar que o *BTG*, em tempos de paz, não permanece reunido em um único aquartelamento, mas disperso nas unidades especializadas que compõem as divisões e as brigadas do Exército, bem como os demais ramos componentes das Forças Armadas russas. Todavia, sua composição é predefinida em conformidade com os recursos militares disponíveis, em pessoal e material, para emprego operacional. Ou seja, os meios constituem o fator da decisão militar determinante para a composição do grupo tático de batalhão, distintamente das forças-tarefas ocidentais de mesmo escalão, que são organizadas em função das peculiaridades do terreno e das

forças inimigas, para o cumprimento de missões específicas, com base nos meios orgânicos das brigadas [4].

Por conseguinte, conclui-se que o grupo tático de batalhão representa o módulo básico de combate na configuração da força militar russa para emprego em situações de crise ou conflito armado. Em contrapartida, a força-tarefa, de valor unidade ou subunidade, tal qual entendida na doutrina militar ocidental, deve ser constituída

*ad hoc* em função da situação tática verificada no campo de batalha. Dito de outra forma, o emprego tático por módulos *BTG* implica ordinariamente a descentralização dos meios de apoio ao combate, mesmo em operações tipicamente centralizadas, como o ataque coordenado e a defesa em posição. Em verdade, a descentralização compulsória dos elementos de apoio ao combate da brigada para a composição dos *BTG* pode comprometer o efeito sinérgico desejado.

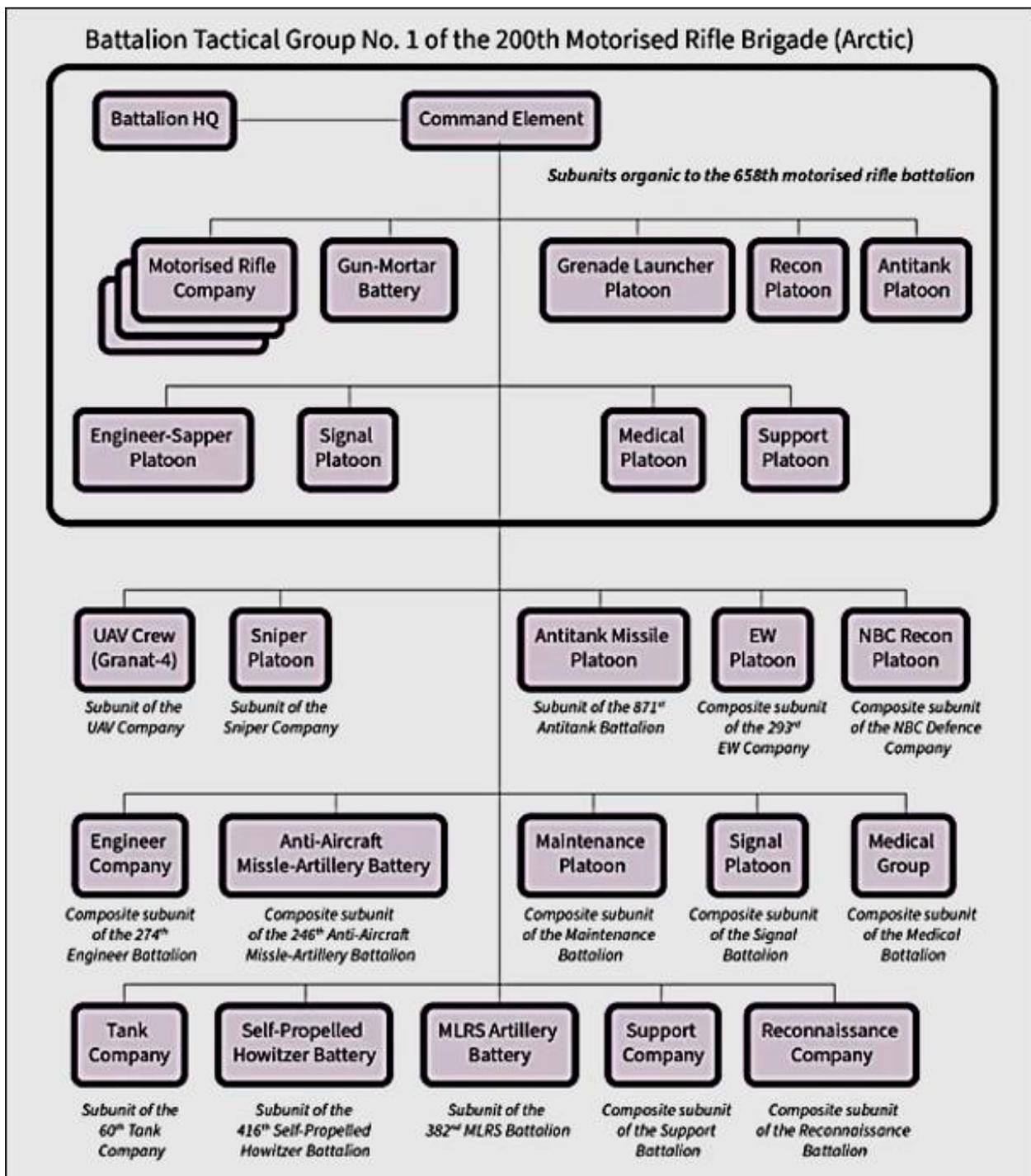


Fig 1 – Exemplo de uma organização do BTG. Fonte: Grau; Bartles (2022).

“**Somente o adestramento contínuo, apoiado particularmente em sistemas de simulação de combate, proverá ao Exército a indispensável eficiência da manobra de armas combinadas. Não obstante, isso não implica a adoção de estruturas permanentes ou semipermanentes no escalão unidade e inferiores.**”

#### IMPACTOS NO DESEMPENHO TÁTICO

Tendo identificado a composição de um grupo tático de batalhão, cabe examinar os impactos de sua estrutura organizacional no seu desempenho tático em batalha. Como visto anteriormente, a Rússia destacou parte de seus *BTG* nas intervenções militares na Chechênia e na Geórgia. Em ambas as ocasiões, constatou-se uma grande dificuldade do *BTG* para empreender a manobra de armas combinadas. Na corrente guerra russo-ucraniana, o fracasso das operações de movimento russas, destinadas ao cerco e à conquista de Kyev, evidenciou outras lacunas na performance tática do *BTG*, mormente em suas ações de reconhecimento e segurança. Não obstante, a estrutura diversificada do *BTG* russo proporciona um rol de capacidades não comparáveis às disponíveis em organizações militares congêneres ocidentais no escalão batalhão.

Em verdade, a composição do grupo tático de batalhão impressiona qualquer analista militar. A existência de variados elementos de apoio ao combate confere considerável flexibilidade de emprego ao batalhão no enfrentamento das sortidas

ameaças presentes no campo de batalha. As capacidades do *BTG* incluem as seguintes: manobra tática com ação de choque, típica das forças blindadas (combinado infantaria-carro de combate); reconhecimento e vigilância (tropas terrestres, radares e aeronaves remotamente pilotadas); apoio de fogo potente e flexível (morteiros, obuseiros e lançadores de foguetes) com alcance de até 40 km; defesa anticarro (mísseis); defesa antiaérea de baixa e de média altura (mísseis e canhões); defesa química, biológica, radiológica e nuclear (OBRN); apoio à mobilidade, contramobilidade e proteção (engenharia de combate); guerra eletrônica; comando, controle e comunicações; e sustentação logística.

Dessa forma, o *BTG* é plenamente capaz de lidar com obstáculos à sua progressão, incluindo áreas contaminadas por agentes OBRN; suprimir resistências inimigas, empregando fogos cinéticos e não cinéticos; manobrar com rapidez pelos flancos, graças à sua elevada mobilidade tática; assim como neutralizar ameaças de carros de combate e aeronaves inimigas; *inter alia*. Adicionalmente, cabe assinalar a capacidade de pronta resposta do *BTG*, ao detectar forças inimigas e alvos de interesse, simplificando a cadeia de comando no atendimento imediato às imposições do campo de batalha.

Todavia, o emprego tático do *BTG* tem apresentado sérias deficiências em situações de combate. Os *BTG* mostraram-se eficazes em operações de combate na Ucrânia, no período de 2013 a 2015; contudo, em várias ocasiões foram derrotados por unidades do exército regular ucraniano, apesar da superioridade russa em poder de fogo, guerra eletrônica e defesa antiaérea (GLOBAL SECURITY, 2022). Se a sua estrutura organizacional é quase completa em termos de capacidades militares, por que o *BTG* não consegue efetivar na plenitude a manobra de armas combinadas? A resposta encontra fundamento na insuficiência do adestramento tático integrado, na inábil liderança militar, nas excessivas demandas de suprimento e manutenção, nas deficiências de comando e controle, na precária consciência situacional

do espaço de batalha e na carência de tropas de infantaria (FIORE, 2017; DALSJÖ *et al.*, 2022). Nesse sentido, Grau e Bartles (2016, p. 37-38, tradução nossa, grifo nosso) esclarecem que:

Embora os *BTG* provavelmente tenham um programa de treinamento comum, ainda há problemas. Problemas relativos ao comando e controle e ao emprego adequado das unidades agregadas são assuntos que não são ressaltados nos debates abertos dos militares russos. Há também problemas logísticos e de manutenção, embora o uso do chassi comum do *Armata* venha a mitigar alguns deles. [5]

No tocante ao adestramento, analistas ocidentais advertem que as grandes manobras militares das Forças Armadas da Rússia, realizadas nos últimos anos (Vostok 2018, Zapad 2021 etc.), foram, de fato, exercícios ensaiados para apresentação às autoridades civis e militares, bem como serviram ao propósito de demonstrar força aos rivais geopolíticos de Moscou. Contudo, essa prática agrega pouco valor ao adestramento tático das unidades militares, mormente quando comparada às simulações de combate vivas [6].

Em adição ao exposto, nota-se visivelmente que a estrutura organizacional do *BTG* é demasiadamente pesada para o escalão considerado, gerando enormes demandas de suprimento e manutenção, entre outras necessidades logísticas, para sustentá-lo em combate. As operações militares em larga escala resultam em vultoso consumo de munição e combustível, especialmente quando se toma em consideração a natureza blindada do *BTG*, bem como a profundidade das ações ofensivas e o elevado nível de fricção característicos do combate regular convencional de alta intensidade. Nesse mister, destacam-se, entre variados tipos de munição de diferentes calibres, o peso e o volume consideráveis dos foguetes e granadas de artilharia necessários ao remuniciamento das baterias de obuseiros autopropulsados de 152 mm e de lançadores múltiplos de foguetes de 122 mm. Ademais, a fração de manutenção do *BTG*, subdimensionada para uma estrutura tão complexa, não conseguiu evitar o abandono de inúmeros materiais e veículos danificados ao longo dos eixos de progressão durante a campanha ofensiva russa no norte da Ucrânia.

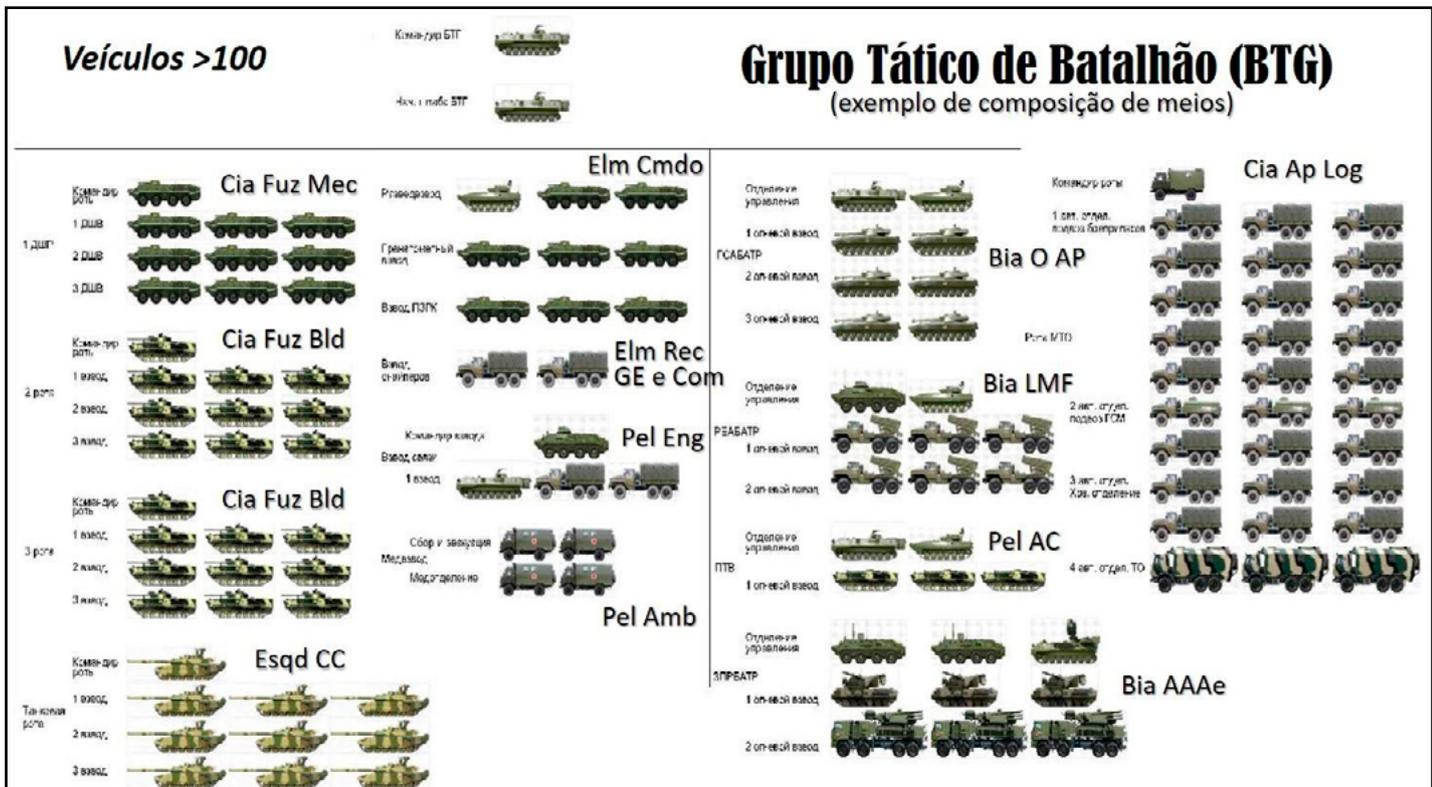


Fig 2 – Exemplo de um quantitativo de veículos do BTG. Fonte: Global Security (2022)(adaptação nossa).

Outra questão que compromete a eficiência operacional está relacionada à capacidade de comando e controle do *BTG*. O emprego de variados elementos de apoio ao combate exige um grande esforço do comando da unidade para a coordenação e o controle de suas ações específicas, em paralelo ao emprego tático dinâmico de suas peças de manobra blindadas. Considerando apenas o sistema de apoio de fogo, verifica-se a necessidade de coordenação e controle de três baterias com distintas características: morteiros pesados orgânicos do batalhão, obuseiros autopropulsados e lançadores múltiplos de foguetes.

Indubitavelmente, a integração, a sincronização e o acompanhamento das ações táticas de todos os elementos constituintes do *BTG* revelam-se tarefas por demais onerosas para a reduzida estrutura de comando do batalhão. Conforme assevera Jones (2022, tradução nossa), ao dissertar sobre a invasão russa da Ucrânia, “Os problemas no terreno foram agravados pelo amplo fracasso da Rússia em conduzir uma campanha efetiva de armas combinadas e sincronizar seus efeitos”. [7]

Além do que precede, as experiências obtidas nas batalhas travadas na guerra russo-ucraniana demonstram, peremptoriamente, a insuficiência de infantaria no *BTG* para prover adequada segurança e empreender o combate aproximado (FIORE, 2017). Ao abordar a composição do *BTG*, Jones (2022, tradução nossa) destaca que: “O resultado em teoria é uma unidade de combate terrestre bastante autossuficiente com apoio de fogo e apoio logístico. Na prática, os *BTG* provavelmente estavam com reduzida força militar e careciam de infantaria suficiente”. [8]

Sob a perspectiva pregressa, constata-se um desequilíbrio nítido entre o quantitativo de fuzileiros nas peças de manobra e o efetivo das tropas de apoio ao combate, estas superdimensionadas para o escalão considerado. Consequentemente, à medida que a atrição da batalha degrada substancialmente as subunidades de fuzileiros, o *BTG* torna-se mais exposto nos flancos e na retaguarda, tem sua capacidade de manobra limitada e passa a depender do seu poder de fogo para suprimir as resistências inimigas, reservando à infantaria o papel secundário de limpeza dos objetivos “conquistados” [9] pelos fogos da artilharia. Ainda de acordo com Jones (2022, tradução

nossa), referindo-se à guerra russo-ucraniana, “[...] as forças russas falharam em conduzir uma guerra de manobra básica contra as forças ucranianas, preferindo bombardear cidades e aldeias ucranianas em uma guerra de atrito” [10]. É um retorno ao *modus operandi* das guerras de segunda geração. [11]

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em face do apresentado, é cabível inferir que a modularidade representada pelo *BTG*, dada sua condição de elevada prontidão operacional e facilidade de deslocamento estratégico, parece bastante adequada às operações de intervenção no entorno estratégico russo, de média ou baixa intensidade, típicas da estratégia de projeção de poder de Moscou baseada na força. Não obstante, em conflitos de alta intensidade como a guerra russo-ucraniana, o referido modelo evidencia algumas vulnerabilidades que fragilizam o seu desempenho tático no moderno campo de batalha multidimensional.

O combate multidomínio em larga escala requer, absolutamente, consciência situacional plena, flexibilidade de emprego, integração de esforços e sincronização das ações, que somente podem ser proporcionadas pela melhor capacidade de coordenação e controle dos comandos de brigada e escalões superiores. Decididamente, o estado-maior do batalhão não está adequadamente estruturado para o exercício de tais atividades com o nível de demanda do *BTG*. De acordo com Grau e Bartles (2022, tradução nossa), “O *BTG* era ideal para combates anteriores em apoio a elementos separatistas de etnia russa em Donetsk e Luhansk; contudo, o combate em larga escala requer operações de armas combinadas em larga escala e batalhões lutando como parte de entidades maiores”. [12]

A manobra de armas combinadas é uma necessidade imperiosa para a vitória. Todavia, sua aplicação eficiente requer adequada capacidade de coordenação e controle, assim como capacidade de sustentação logística. Há que buscar equilíbrio na dosagem dos elementos de manobra e de apoio ao combate, no intuito de complementar possibilidades, reduzir limitações e alcançar sinergia. A desproporção nesse balanceamento ocasiona emprego tático descoordenado, interferências mútuas prejudiciais à manobra, descompasso temporal das ações empreendidas e

insuficiência logística, comprometendo, destarte, o efeito sinérgico desejado.

Em adição ao que precede, cabe assinalar que, nos escalões inferiores à brigada, a composição de meios, por armas combinadas, deve agregar os elementos de manobra, apoio ao combate e logísticos realmente necessários ao cumprimento da missão, em observância à situação tática configurada no campo de batalha, mantendo-se a simplicidade, a fluidez e a agilidade típicas de tais escalões de emprego. Estruturas demasiadamente pesadas e complexas, certamente, sacrificam a eficiência operacional e geram demandas desnecessárias às exigências locais do combate em desenvolvimento.

Na opinião do autor, o modelo *BTG*, a despeito de solucionar a problemática de prontidão operacional das Forças Armadas russas em suas missões de projeção de poder, não deve ser adotado como módulo básico de combate ou estrutura organizacional padrão. No contexto do atual conflito russo-ucraniano, marcado inicialmente pelo fracasso da guerra de movimento e, presentemente, por ações limitadas de elevada atrição e infimos duelos de

artilharia, nota-se que a estrutura do *BTG*, aparentemente, mostra-se útil em razão de seu invejável poder de fogo. Talvez não o seja em outros cenários beligerantes. Como adverte Dalsjö *et al.* (2022, p. 17, tradução nossa), “[...] o *BTG* pode não ser uma inovação tática inteligente, mas simplesmente o que uma brigada ou regimento em tempo de paz pode realmente empregar em uma guerra” [13].

Em conclusão, registra-se que o ambiente multidomínio contemporâneo requer o adestramento básico das unidades segundo a doutrina de armas combinadas, por meio de forças-tarefas constituídas em conformidade com o quadro tático da manobra desenvolvida, com a finalidade de consolidar o emprego do combinado infantaria-carro de combate, bem como otimizar os processos de apoio ao combate e logísticos. Somente o adestramento contínuo, apoiado particularmente em sistemas de simulação de combate, proverá ao Exército a indispensável eficiência da manobra de armas combinadas. Não obstante, isso não implica a adoção de estruturas permanentes ou semipermanentes no escalão unidade e inferiores.

## REFERÊNCIAS

- BRASIL. Ministério da Defesa. Exército Brasileiro. Comando de Operações Terrestres. **Forças-tarefas blindadas. EB70-MC-10.355**. 4. ed. Brasília, DF: COTER, 2020.
- DALSJÖ, Robert ; JONSSON, Michael ; NORBERG, Johan. **A brutal examination: Russian military capability in light of the Ukraine war**. *Survival: Global Politics and Strategy*. London, v. 64, n. 3, p. 7- 28, june/july 2022. Disponível em: <https://www.iiss.org/blogs/survival-blog/2022/06/a-brutal-examination-russian-military-capability-in-light-of-the-ukraine-war>. Acesso em: 29 jul. 2022.
- FIGLIORE, Nicolas J. **Defeating the Russian battalion tactical group**. *Armor: Mounted Maneuver Journal*. Fort Benning, v. 128, n. 2, p. 9-17, spring 2017. Disponível em: <https://www.benning.army.mil/armor/earmor/content/issues/2017/spring/2Fiore17.pdf>. Acesso em: 24 jul. 2022.
- GLOBAL SECURITY. **Battalion tactical group**. *Global Security*, 2022. Disponível em: <https://www.globalsecurity.org/military/world/russia/army-btg.htm>. Acesso em: 21 jul. 2022.
- GRAU, Lester W.; BARTLES, Charles K. **The Russian way of war: force structure, tactics, and modernization of the Russian ground forces**. Leavenworth: Foreign Military Studies Office, 2016.
- GRAU, Lester W.; BARTLES, Charles K. **Getting to know the Russian battalion tactical group**. *Royal United Services Institute*, 2022. Disponível em: <https://rusi.org/explore-our-research/publications/commentary/getting-know-russian-battalion-tactical-group>. Acesso em: 21 jul. 2022.
- HACKETT, James; CHILDS, Nick; BARRIE, Douglas. **If New Looks could kill: Russia’s military capability in 2022**. *International Institute for Strategic Studies*, 2022. Disponível em: [https://www.iiss.org/blogs/military-balance/2022/02/if-new-looks-could-kill-russias-military-capability-in-2022?utm\\_source=IISS](https://www.iiss.org/blogs/military-balance/2022/02/if-new-looks-could-kill-russias-military-capability-in-2022?utm_source=IISS). Acesso em: 27 jul. 2022.
- INTERNATIONAL INSTITUTE FOR STRATEGIC STUDIES - IISS. **The military balance 2022: the annual assessment of global military capabilities and defence economics**. London: Routledge, 2022.
- JONES, Seth G. **Russia’s ill-fated invasion of Ukraine: lessons in modern warfare**. *Center for Strategic and International Studies (CSIS)*, 2022. Disponível em: <https://www.csis.org/analysis/russias-ill-fated-invasion-ukraine-lessons-modern-warfare>. Acesso em: 27 jul. 2022.

KOFMAN, Michael. **Russian performance in the Russo-Georgian war revisited**. War on the Rocks, 2018. Disponível em: <https://warontherocks.com/2018/09/russian-performance-in-the-russo-georgian-war-revisited/>. Acesso em: 24 jul. 2022.

MCDERMOTT; Roger. **Moscow resurrects battalion tactical groups**. The Jamestown Foundation, 2012. Disponível em: <https://jamestown.org/program/moscow-resurrects-battalion-tactical-groups/>. Acesso em: 25 jul. 2022.

TASS. **Russian Army operates around 170 battalion tactical groups - defense chief**. TASS, 2021. Disponível em: <https://tass.com/defense/1324461>. Acesso em: 24 jul. 2022.

VISACRO, Alessandro. **A guerra na era da informação**. São Paulo: Contexto, 2018.

## NOTAS

[1] Anunciada, em outubro de 2008, em decorrência das fragilidades militares identificadas na Guerra da Geórgia (KOFMAN, 2018; HACKETT et al., 2022), a reforma militar russa, conhecida como New Look, implementou uma série de medidas com o propósito de reduzir o efetivo das Forças Armadas da Rússia, profissionalizá-las, simplificar a estrutura de comando e adotar a brigada como módulo básico de combate.

[2] No original: "BTGs are part of Russia's tiered combat readiness system. They are envisioned to be ready to conduct combat and special tasks at all times, especially during the initial period of war, while the rest of the force prepares for battle. The BTG serves as a means of keeping elements of a larger formation (such as a brigade or regiment) immediately ready for combat, as these formations are typically not fully manned and their equipment may not be up to the same readiness standards".

[3] Por força de lei, os recrutas somente podem ser empregados no território nacional russo; em missões externas de projeção de poder, utilizam-se militares contratados (profissionais). Todavia, na guerra russo-ucraniana, registrou-se a presença de recrutas nas formações de BTG. Nesse caso específico, esses recrutas se voluntariaram para a "operação militar especial" na Ucrânia.

[4] "Uma Força-Tarefa é um agrupamento temporário de forças, de valor unidade ou subunidade, sob comando único, integrado por peças de manobra de natureza e/ou tipos diferentes, formado com o propósito de executar uma operação ou missão específica, que exija a utilização de uma forma peculiar de combate. Pode enquadrar, também, elementos de apoio ao combate e de apoio logístico" (BRASIL, 2020, p. 2-1, grifo nosso).

[5] No original: "Although the BTGs likely have a common training program, there still are problems. Problems with command and control and suitable employment of attached units are subjects that are not highlighted in open Russian military discussion. There are also logistical and maintenance issues, although use of the Armata common chassis will mitigate some of them".

[6] A simulação de combate viva compreende treinamento tático em terreno real com forças opostas, empregando tropas e equipamentos reais, com auxílio de dispositivos de simulação de engajamentos táticos (DSET) baseados em tecnologia laser.

[7] No original: "Problems on the ground were complicated by Russia's broader failure to conduct an effective combined arms campaign and to synchronize effects".

[8] No original: "The result in theory is a fairly self-sufficient ground combat unit with fire and rear support. In practice, the BTGs were likely understrength and lacked sufficient infantry".

[9] Segundo a Doutrina Militar Terrestre, a ação tática conquistar é de responsabilidade das armas-base (Infantaria e Cavalaria) (nota do editor).

[10] No original: "[...] Russian forces failed to conduct basic maneuver warfare against Ukrainian forces, preferring instead to bombard Ukrainian cities and villages in a war of attrition".

[11] Segundo Alessandro Visacro (2018), as guerras de segunda geração foram marcadas por batalhas lineares e de grande atrição, com base no emassamento de fogos para destruir o inimigo, em que os ganhos táticos raramente compensavam o número de baixas.

[12] No original: "The BTG was ideal for earlier fighting in support of separatist ethnic Russian elements in Donetsk and Luhansk; however, large-scale combat requires large-scale combined arms operations and battalions fighting as part of larger entities".

[13] No original: "Thus, the BTG may not be a clever tactical innovation, but simply what a peacetime brigade or regiment can actually field in a war".

## SOBRE O AUTOR

O Coronel R/1 do Exército Brasileiro Walter da Costa Ferreira é graduado em ciências militares pela Academia Militar das Agulhas Negras (AMAN), pós-graduado pela Escola de Aperfeiçoamento de Oficiais (EsAO) e pela Escola de Comando e Estado-Maior do Exército (ECEME). Foi observador militar da Organização das Nações Unidas (ONU) em Angola e foi comandante do 26º Batalhão de Infantaria Paraquedista. Atuou como assessor militar no Ministério da Defesa e na Missão Permanente do Brasil junto à ONU. Atualmente, é colaborador do Grupo de Pesquisa em Estudos Estratégicos e Segurança Internacional - GEESI/UFPB ([walterpqdtbsd@yahoo.com.br](mailto:walterpqdtbsd@yahoo.com.br)).